

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. (Edição organizada por Ana Maria de Araújo Freire.)

#### INDIGNAÇÃO COM TERNURA

*José Eustáquio Romão\**

\*Doutor em História e Filosofia da Educação (USP); e em História Social (USP), professor do Programa de Mestrado em Educação da UNINOVE e Diretor do Instituto Paulo Freire

As “Cartas” tiveram sua origem no século XVIII. Por sua estrutura, logo se distinguiram da mera correspondência que os intelectuais mantêm ao longo da vida e que, em alguns casos, por sua significação, é publicada postumamente.

Elas acabaram por constituir um verdadeiro gênero literário, consagrado por autores como Montesquieu, com suas *Cartas Persas*. Serviram, em muitos casos, de ludíbrico do silêncio imposto por regimes autoritários a seus críticos, uma vez que, na correspondência fictícia e referenciada em sociedades externas, estranhas e distantes, o autor projetava a própria realidade intocável pelas imposições da censura oficial.

O caso mais conhecido no Brasil, também do século XVIII, foi o das *Cartas Chilenas*, atribuídas a Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, que satirizavam o representante do governo português nas Minas Gerais, travestido na obra como “Fanfarrão Minésio”.

Paulo Freire prezava muito este gênero, mas imprimiu-lhe algumas características originais. Primeiramente, embora tenha sofrido, como todos os libertários da História, a mão de ferro da ditadura, não usou as cartas como forma de driblar a censura, mas como recurso ético/estético para falar mais diretamente aos educadores. Por isso, diferentemente dos autores citados, lançou mão de uma correspondência ficcional – mas não fictícia – para disseminar os resultados de suas reflexões sobre a educação e a vida. Enquanto a correspondência fictícia refere-se a mundos exteriores, fantásticos e de “lugar nenhum” – no sentido etimológico de “utopia” – Paulo escreveu aos educadores verdadeiras “cartas abertas”, historicamente existentes, refletindo sobre fenômenos humanos reais, referenciados em acontecimentos concretos e buscando a utopia, aí interpretada como futuro de possibilidades, como horizonte de referências éticas. Portanto, suas missivas são ficcionais

apenas no sentido de não terem sido endereçadas, concretamente, a um ou a uma correspondente nominal. Mesmo assim, há que se lembrar das *Cartas a Cristina* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994), em que Cristina é sua filha da vida real e que serve de “destinatária” dessas verdadeiras cartas abertas aos educadores e educadoras e ao público em geral.

Nesta *Pedagogia da indignação*, a organizadora incluiu os últimos textos de Paulo: exatamente três “cartas”, escritas, respectivamente, em janeiro, início de abril e 21 do mesmo mês de 1997. Lembre-se que Paulo faleceu no dia 2 do mês seguinte; por isso, como escreveu Ana Maria Araújo Freire, sua esposa “Nita”, são as derradeiras duas e meia páginas de manuscritos, “as últimas palavras escritas por Paulo”.

Além de três “cartas pedagógicas”, foram incorporados, neste livro póstumo, textos escritos em outros momentos, todos inéditos, exceto o último (*Descobrimiento da América*, abril de 1992)<sup>1</sup>: *Alfabetização e miséria*, fevereiro de 1996; *Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*, abril de 1996; *Alfabetização em televisão*, agosto de 1996; *Educação e Esperança*, dezembro de 1996; e *Denúncia, anúncio, profecia e sonho*, 1977. Contudo, são as “cartas” que constituem o cerne

da publicação, quer seja por sua forma mais acabada, quer seja pela substância de seus conteúdos.

Conscientemente ou não, Paulo teceu um fio condutor nos textos inéditos desta coletânea para o qual gostaríamos de chamar a atenção do leitor, porque aí, parece-nos, está a melhor motivação para o convite à leitura da obra. Ele está urdido na permanente tensão dialética que perpassa a natureza do ser, dos processos naturais e históricos e até mesmo das idéias que os analisam. Esta tensão está maravilhosamente sintetizada na afirmação reiterativa de quase todos os textos da obra: “mudar o mundo é tão difícil quanto possível”. Sem ficar confessando-o, Paulo resgata a própria essência da razão dialética, reafirmando, mais uma vez, sua aversão à ortodoxia, sua paixão pela historicidade e pela humanidade do processo civilizatório. Vejamos algumas das últimas expressões freireanas desta tensão.

Na primeira carta, Paulo dirige-se aos pais para desenvolver reflexões sobre “a tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade” (p. 29 e segs.), concluindo pelas aparentemente contraditórias “tirania da liberdade” e, num certo sentido, “liberdade da tirania”, em que as duas categorias se exacerbam pela exclusão mútua e, por isso, alienam qualquer possibilidade

<sup>1</sup>Publicado em PAZZIANOTO, A. et alii. *O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio*. Brasília: Senado federal, 1977 (Col. Senado, v. I).

humanista e civilizatória.

A segunda carta começa anunciando a relação dialética entre utopia e realidade. A primeira, descolada do contexto, desconhecadora dos condicionamentos da realidade, transforma-se em quimera, em delírio. Já a segunda, quando exagerada, torna-se determinista, gerando o “naturalismo” dos fenômenos e o fatalismo dos homens alienados. De modo didático, Paulo encaminha um melhor esclarecimento dialético à velha polêmica entre os defensores da razão dialética e os advogados da razão estrutural: a condição humana de sujeito em face do “determinismo histórico”. Enquanto fator condicionante, a realidade tem de ser lida, interpretada, analisada criticamente para ser superada; enquanto determinante, ela tem de ser denunciada. Para Paulo, a *ética universal do ser humano* comporta também a tensão entre ser objeto condicionado e ser sujeito não determinado. Daí decorre também a dialeticidade da relação

objetividade/subjetividade.

Na terceira e última carta, Paulo reflete sobre o assassinato do índio pataxó, Galdino, por jovens da capital da República, retomando a questão da primeira carta (autoridade/liberdade):

É possível que, na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos [...] e isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais. [...] Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (p. 65 a 67)

A tensão dialética continua nos outros textos, mas, se não os comentamos, é para não tirar o prazer da leitura

\*\*\*

Logo que terminei esta resenha, fui apresentado a Paulo Silveira, por Moacir Gadotti, em Porto Seguro (BA), por ocasião do *II Encontro Nacional de*

*Educação*, na Comemoração dos 500 anos do descobrimento. Ao mostrar o livro objeto desta resenha, Paulo ficou perplexo com a coincidência e nos narrou fatos extraordinários das conversas

que tivera com o outro Paulo (Freire) sobre uma certa carta, cujos termos eram muito próximos do texto daquela primeira que está no livro *Pedagogia da Indignação*. Por isso, mesmo que o que vamos fazer não seja praxe em uma resenha, entendemos ser muito importante publicar, como anexo a esta,

a Carta (póstuma) de Paulo Silveira a Paulo Freire, mantendo, inclusive, o tom coloquial de seu autor, no qual se permitem eventuais contrariedades gramaticais.

Como vai você?

Primeiro queria te dizer que você

### *Carta a Paulo Freire*

Caro Amigo,

está nos fazendo uma falta danada. Como já havia sido dito numa carta anterior, você se tornou “pai de tantos, filho de todos, farol para tantas naves nesses oceanos da vida.”<sup>1</sup> Mas “navegar é preciso, viver não é preciso” (Caetano Velloso) e vamos tentando levar, mesmo sem você.

Pois é meu amigo, é sobre essa carta que quero te falar.

Outro dia, eu estava em Porto Seguro e encontrei um velho amigo nosso, o Gadotti. Ao me apresentar a um outro parceiro seu de primeira hora, Romão, Gadotti comentou como nos conhecemos. De imediato surgiu o assunto da carta que você estava escrevendo para o livro que eu estava organizando quando nos conhecemos.

De repente, sem que esperássemos, Romão nos falou de seu livro recentemente lançado, *Pedagogia da indignação* e nos mostrou uma carta sua que está publicada nele. Li-a rapidamente e, tenho que te confessar, me emocionei. Como esta carta se parece com a que você escrevia para compor o nosso livro!

Você se lembra dessa história? Vou refrescar nossas memórias...

Era 1996 ...

Depois de tantas coisas que já havia feito na vida, tinha resolvido organizar um seminário sobre o tema “Exercício da Paternidade”.

Além de ser um assunto a que me dedicava (e continuo me dedicando) a pesquisar, queria prestar uma homenagem a meu pai, a quem tanto amei. Alguma coisa me dizia que ele estava se despedindo de nós e, antes que se fosse, queria registrar meu amor por ele. Infelizmente, não estava enganado, pois, em maio

<sup>1</sup>SILVEIRA, Paulo. Ao Nosso Querido Mestre Paulo Freire in: \_\_\_\_ (org.); *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

<sup>2</sup>GADOTTI, Moacir. *Dialética do amor paterno*. São Paulo: Cortez, 1985.

daquele ano, meu pai faleceu estupidamente.

Pouco depois de sua morte, minha esposa deu-me o livro *Dialética do amor paterno*, do Gadotti<sup>2</sup>. Li-o quase que instantaneamente e me apaixonei por ele. Resolvi convidar Gadotti para participar do evento – o que fiz no dia seguinte. Durante nossa conversa, ele me sugeriu que eu entrasse em contato com você, para te instigar a participar do evento.

Te confesso, fiquei dividido e assustado! Você era (e ainda é) um ídolo, um ícone para mim. Comentei isso com Gadotti e ele insistiu mais ainda que eu falasse com você e te chamasse.

Um dia, enchi-me de coragem e te liguei. Disquei o número trêmulo e ansioso. O telefone tocou uma, duas vezes – um tempo que parecia uma eternidade!

De repente, uma voz suave, de homem, atende o telefone. Perguntei quem estava falando e escutei: “Paulo Freire”.

Gelei-me e emudeci instantaneamente. O gelo e o silêncio foram derretidos pelo seu calor humano. Nascia assim uma linda amizade.

Ficamos conversando um tempo enorme – eu não saberia dizer quanto, pois, como sempre afirmo, nossas conversas eram sempre longas, independentes de seu tempo cronológico. Eu contei minha história de filho e você a sua de pai. Nos emocionamos, rimos, chorei, fui acolhido e acolhi alguém, um outro Paulo, que também queria falar de sua paternidade, de sua história com a pessoas que tanto amava e que não sabia como dizer-lhes.

Combinamos de voltar a nos falar e assim o fizemos. Não sei quantas vezes mais, mas, com certeza, poucas para mim.

De início – me lembro bem – você se mostrava inseguro em falar, em público, de seu “exercício da paternidade”. Você argumentava que nunca o havia feito, que não saberia fazê-lo. Até que um dia, era um domingo à noite, você me confessou que, na realidade, tinha medo de falar sobre esse tema, mas me propôs escrever um artigo para o tal livro que eu estava organizando. Topei de imediato e marcamos uma data para entrega do seu artigo.

Nos falamos pelo telefone outras vezes, sobre outros assuntos. Quando chegou a data da entrega do artigo, cobrei-lhe e você, muito sem jeito, me disse que não tinha nem começado a escrevê-lo. Conversamos, exaustivamente, até que você confessou-me que, na verdade, tinha medo de como esse seu artigo poderia ser recebido por seus filhos. Muito emocionado, em alguns momentos com a voz

embargada, você falava que se sentia em dívida com eles, uma vez que, primeiro, devido a contingências da vida e depois devido a opções que você havia feito, não tinha dado a eles atenção que gostaria de dar-lhes.

Dias depois, voltei a te telefonar e conversamos mais sobre o assunto. Fiz para você um relato de minha vida – filho que sou também de um educador e de uma educadora e do orgulho que sentia e ainda sinto em sê-lo.

Falei-lhe que, como filho, eu adoraria ler um relato de meu pai sobre sua vivência da confluência das funções de pai e de educador, até porque, muitas vezes, havia escutado dele relatos sobre sua atividade como professor, mas somente uma única vez e numa única frase ele me havia dito algo sobre ser pai.

Nesse dia (lembra-se?) você concordou em escrever algo sobre o tema, mas em forma de carta aberta, dirigida a seus filhos, relatando sua vivência com eles.

A partir daí, quando nos falávamos, você me contava trechos da carta e comentava a estrutura que estava dando a ela.

Ficaram gravadas em minha memória três passagens: a primeira, quando você reafirmava o esforço que fez durante toda sua vida para que existisse coerência entre o homem público e o pai de seus filhos; a segunda, sobre a dor silenciosa que sentia a cada vez que era obrigado a interromper a relação com sua família para atender a uma demanda externa e, finalmente, a terceira, relativamente à luta que travava para contribuir para a construção de um mundo mais solidário, mais ético, mais justo, pois acreditava que essa era a maior herança que poderia deixar para quem tanto amava, seus filhos.

O tempo passava, a editora me pressionava e você sempre tinha algo para acrescentar ou transformar em seu texto. Eu estava tão envolvido com nossas reflexões que tudo o mais ficou secundário.

A cada conversa nossa eram inúmeras as novas considerações, principalmente depois que voltei de minha viagem a Cuba, em janeiro de 97. Aprofundávamos-nos, cada vez mais, sobre a questão do exercício da paternidade *versus* o de educador. Era como se eu e você estivéssemos descobrindo um novo universo, uma nova indagação a ser respondida. Em um determinado momento, percebemos que, sozinhos, não poderíamos encontrar essa resposta e nos propusemos a elaborar uma pesquisa sobre “Exercícios na Família, na Escola e na Comunidade”, uma vez que, assim, envolveríamos mais gente para nos ajudar a pensar. A partir daí, você

se propôs a encerrar a carta para seus filhos.

Mas, de novo, a vida me pregou uma peça, te levando daqui antes que eu pudesse lê-la. Tenho de te confessar que duvidava que você a tivesse escrito, pois tinha a impressão de que você jamais a encerraria, ou melhor, que só a terminaria depois que pudesse viver todo aquele turbilhão de sentimentos com seus filhos.

Mesmo assim, após sua “viagem” para o andar de cima, procurei por esta carta com todas as pessoas que pudessem saber dela e, todas elas, me deram a mesma resposta: nunca a tinham visto. Se sua partida já era motivo de tristeza por si só, para mim foi uma perda insuportável. Sinceramente, Paulo, concordo inteiramente com a resposta que Betinho deu ao lhe perguntarem se ele acreditava na existência de Deus:

Não concordo e nem discordo, disse ele. Se um dia aparecer alguém na minha frente e se identificar como sendo Deus, terei uma lista enorme de perguntas para fazer-lhe, dependendo das respostas, saberei defronte de quem estou.

Minha primeira pergunta a essa entidade seria: “Qual o critério da morte? Porque pessoas que ainda têm tanto a fazer e o queriam são retiradas daqui tão cedo e outras são castigadas ou castigam com sua existência?”

Eu nunca consegui entender, como e por que, no momento em que você abria seu coração, resgatando algo tão precioso para você e seus filhos, foi impedido de realizar todo esse amor contido, guardado, sufocado. Minha forma de protestar contra sua morte foi não ir ao seu enterro e nem à missa ou a qualquer outro evento que falasse de sua partida. A partir do dia que soube de sua ida, tomei uma decisão: pura e simplesmente, desafiando seja lá quem for, decidi que as pessoas que amo somente morrerão, para mim, após minha permissão. Também, assim como passei a me relacionar com outras como se estivessem mortas, fria e gelidamente, através de atos desprovidos de qualquer emoção.

Em 16 de setembro de 1997 foi lançado livro que organizamos sobre o exercício da paternidade, onde registrei a carta que você escrevia para seus filhos:

Não queremos e não podemos (nosso coração e nossa consciência não nos permitem) deixar de registrar o desejo manifesto de Paulo Freire de escrever um artigo para compor esse livro, onde pretendia falar do amor por seus filhos e como, ao **exercer a função de professor**, se sentia próximo de um **exercício efetivo da paternidade**.

Seria a primeira vez que se debruçaria para escrever especificamente sobre esse

tema, e, talvez, por isso mesmo, tenha despertado tanta curiosidade e expectativa em todos nós. Infelizmente, não teve tempo para realizar seu desejo, deixando para nós o compromisso de continuarmos sua luta por uma sociedade mais justa, democrática, solidária e, conseqüentemente, feliz. É com essa pretensão, a de continuarmos sua luta, que nos atrevemos a escrever um texto sobre onde percebemos “Paulo Freire” em relação ao exercício da paternidade.

Já havia perdido completamente a esperança de encontrar a “nossa” carta, quando li a que consta no livro *Pedagogia da indignação*. Não sei se você a escreveu para o “nosso livro” ou não; mas isso não importa mais... O que me importa é que existe um testemunho seu sobre o que tanto conversamos e que, sem dúvida, esse depoimento se não era um todo, era um preâmbulo da carta testamento para seus filhos.

Relendo a publicação, queria registrar meu testemunho dessa nossa convicção. Queria te dizer do orgulho e da alegria que senti quando, lendo a carta que consta na *Pedagogia da indignação*, percebi o quanto parceira era nossa relação, o quanto verdadeiro você foi. Posso testemunhar que o que foi sua bandeira durante toda sua vida – o conhecimento é construído a cada momento nas relações com o mundo – era integralmente vivido por você.

Ao ler na página 36, da *Pedagogia da indignação* “... para o exercício de sua paternidade e de sua maternidade ...”, de imediato, me vem à memória nossas reflexões a respeito dessa terminologia que eu tanto utilizava (e utilizo) e servia de balizadora para nossas conversas a respeito desse tema.

Cada vez que me lembro de nossas conversas aumenta ainda mais minha convicção de que todos, mas principalmente seus filhos, mereciam conhecer aquela carta que você escrevia para eles. Não que essa carta que está publicada não seja bela, rica, afetiva.

Ali está o seu testemunho da dialética vivida por quem ama e, como conseqüência, a *dialética do amor paterno*, segundo Gadotti, quando o pai (ou a mãe) ama seu filho. Só que esse testemunho está disfarçado, não está explicitado! Nessa carta, você vai inclusive mais além, justificando sua forma de ser pai, suas crenças e seus balizadores dessa relação. Quando você fala que “é fundamental que eu saiba não haver existência humana sem risco, de maior ou menor perigo” (p. 30) alerta para o risco que um pai corre de perder seu filho ao educá-lo para que viva seus próprios riscos, ou do pai que, ao assumir os riscos de sua existência, corre o risco de ser perdido.



Por outro lado, ao você escrever que “é vivendo com lucidez a tensa relação entre autoridade e liberdade que ambas descobrem não serem necessariamente antagônicas uma da outra” (p. 35), deixa-nos a pergunta: “E o mediador entre a autoridade e a liberdade, cadê?” É o amor, diria eu. Acredito que só o amor é capaz de gerar prazer em relações onde os sentimentos de perda e de conquista estão misturados, sentimentos esses sempre presentes nas relações entre um educador amoroso e o educando. É de prazer que se alimenta todo aquele que ama ao perceber que o ser amado está conquistando sua liberdade, sua autonomia, que seu testemunho como pai ou educador estimulou o outro a correr seus riscos, a viver sua vida, a gostar “de ser gente (...) porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível” (p. 39).

Por tudo que expus aqui, acredito que o título dessa *Pedagogia da indignação* devesse ser **Pedagogia do amor**, ou, como diz o Romão, uma *Pedagogia da indignação com ternura*, pois o que leio nessas suas cartas é um belíssimo, é um lindo grito de amor.

Entendo a sua indignação – que perpassa todos os seus textos e nessas suas cartas publicadas postumamente – como fruto de seu amor pelas coisas da vida, pelo outro. Por amar você percebe que poderíamos construir um mundo muito melhor se o edificássemos a partir de alicerces fundamentados no bem querer, na ética, na solidariedade.

Mais uma vez, Paulo, obrigado por você ter convivido conosco. Pena que foi tão pouco tempo ...

Rio de Janeiro, 28 de junho de 2000.

Paulo Silveira  
motiro@uninet.com.br